

Exército eliminou líder guerrilheiro

■ Ex-agente revela que Onofre foi executado em 74 para servir de exemplo à tropa

JOSÉ MITCHELL

Nestor Müller/A Gazeta — 16/11/92

PORTO ALEGRE — O ex-sargento do Exército Marival Chaves Dias do Canto, que durante a ditadura serviu nos órgãos de repressão, revelou que o guerrilheiro Onofre Pinto, também ex-sargento e líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) desaparecido em 1974 e suspeito de traição, foi executado por ordem do Centro de Informações do Exército (CIE). Marival, que está escrevendo um livro sobre o episódio, confirmou que Onofre aceitou colaborar com os militares, mas foi eliminado para que sua morte mostrasse à tropa como seriam tratados os dissidentes.

Marival tem uma folha de 17 anos de serviços prestados à repressão: Operação Bandeirante (Oban), Doi-CODI do II Exército, Polícia do Exército, e novamente Doi-CODI. Ele especializou-se em análise operacional dos grupos de esquerda e conta que Onofre "realmente decidiu aderir aos militares para não morrer, depois que ele e seu grupo foram presos em Medianeira, no Paraná, atraídos para uma armadilha montada pelo CIE e pelo batalhão do Exército de Foz do Iguaçu, mas logo depois a cúpula do CIE mandou que ele fosse executado por ter sido militar".

No ano passado, em entrevista à revista *Veja*, o ex-sargento Marival revelou que muitos dos 144 presos políticos tidos como desaparecidos durante a ditadura foram mortos nas câmaras de tortura e esquarterados. Os militares teriam enterrado os restos em diferentes locais, para que nunca fosse identificados.

A infiltração dos agentes da ditadura nos grupos de esquerda será um dos capítulos do livro de Marival, que relata um dos mais obscuros episódios dos anos de chumbo — o desaparecimento de Onofre Pinto e, de mais quatro pessoas quando vinham clandestinamente da Argentina para o Brasil em julho de 1974.

Captura — No ano passado, documentos secretos do Dops gaúcho divulgados pelo JORNAL DO BRASIL revelaram que o Exército sabia da movimentação do grupo de Onofre, líder militar da VPR no



Marival revela trações em livro e conta como a direita se infiltrava nos grupos de esquerda



Onofre: CIE ordenou execução

exterior, inclusive dos nomes e identidades falsas que utilizavam. Havia a expectativa de que entrassem no Brasil pelo Uruguai, mas foi através do Paraguai que os guerrilheiros cruzaram a fronteira.

Com base numa conversa com um dos militares que teve participação direta na captura e morte do grupo de Onofre, o ex-sargento Marival revela que Onofre, os irmãos Daniel e José de Carvalho, José Lavechia e um argentino —

posteriormente identificado como Ernesto Ruggia — foram atraídos a um sítio em Medianeira por outro membro do grupo, o também ex-sargento Albery Vieira dos Santos, que como Onofre é suspeito de ter traído seus companheiros da esquerda.

Após confirmar que Albery estava mesmo infiltrado, o ex-sargento Marival disse que logo após a prisão do grupo, todos foram executados, com exceção de Albery e Onofre. "O Onofre resolveu aceitar a oferta de se infiltrar nos grupos de esquerda para não morrer. Mas logo depois a cúpula do CIE decidiu que fosse morto também, para servir de exemplo contra eventuais tentativas de traição nos meios militares", contou.

Marival não revela o nome do colega militar que lhe relatou todo o episódio, mas não sabe quem matou e onde exatamente foram enterrados os corpos dos guerrilheiros da VPR. Provavelmente eles foram sepultados no sítio de Medianeira. Há poucos dias, Marival conversou longamente pelo telefone com a irmã de Ernesto Ruggia, a argenti-

na Lilia Ruggia, e confirmou as informações que já possuía. Lilia viveu um inferno de mais de 20 anos, por informações descontraídas de entidades de direitos humanos do Brasil e Argentina, que impediam a confirmação da morte do irmão em episódios de repressão política, agora confirmada. Lilia busca, agora, detalhes sobre a localização do sítio (distante 70 quilômetros de Foz do Iguaçu), na tentativa de encontrar os restos mortais do irmão.

A traição, ou não, de Onofre, sempre foi polêmica na esquerda. A viúva e alguns ex-companheiros, como Pedro Lobo, rejeitam a possibilidade de traição, enquanto outros acreditam na infiltração — agora confirmada por Marival — por causa da demora de Onofre em denunciar a traição do cabo Anselmo — o principal agente infiltrado pela ditadura nos grupos guerrilheiros e responsável pela morte de dezenas de companheiros. Segundo Marival, Onofre aceitou trair para não ser morto no momento da prisão, mas não chegou a fazer qualquer ação por ter sido executado.

Livro confirma que Jover traiu PC do B

O livro do ex-sargento Marival Chaves Dias do Canto confirma que Manuel Jover Telles, ex-dirigente do PC do B, era agente infiltrado pelo Exército e revela que seu aliciamento ocorreu um ano antes do massacre da Lapa, chacina ocorrida em 1976 numa casa do bairro da Lapa, na cidade de São Paulo, onde o comitê central do partido estava reunido e foi surpreendido por agentes do Doi-Codi. Segundo Marival, tinha como "controlador" — oficial a quem passava as informações obtidas — o chefe de operações de segurança do I Exército, atual Comando Militar do Leste, no Rio.

A traição de Jover foi revelada no ano passado pelo coronel da reserva Sebastião Curió, ex-agente

do Doi-Codi, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL na qual responsabilizou o ex-dirigente do PC do B pelo massacre da Lapa. Jover foi localizado pelo JB vivendo com nome falso numa cidade próxima de Porto Alegre e negou veementemente ter sido traidor.

Marival disse que ficou sabendo do aliciamento de Jover, então membro da cúpula dirigente do PC do B, quando atuava no setor de análises operacionais do Doi-Codi do II Exército, em São Paulo. Jover tinha uma de suas bases de atuação no PC do B no Rio de Janeiro onde "foi preso e aliciado pelo pessoal do Doi-Codi". Ele foi um dos poucos dirigentes que escaparam do massacre da Lapa e escondeu-se no Rio de Janeiro, como admi-

tiu. Negando sempre a traição, ele contou que fugiu depois para o Rio Grande do Sul, onde sob outro nome empregou-se numa indústria de armas.

Ajuda — Segundo o ex-sargento Marival, quando fugiu para o Rio de Janeiro, Jover estava sob controle do chefe de operações do Doi do Rio de Janeiro, que o ajudou na nova vida. Atualmente, Jover mora com uma irmã numa modesta casa de alvenaria numa cidade próxima à capital gaúcha. Ele nega a traição e prometeu escrever um livro sobre sua participação no partido — foi uma das principais lideranças e é autor de um livro sobre sindicalismo.

Outro caso confirmado de traição foi do casal Maria Madalena

Lacerda de Azevedo e Gilberto Giovanetti. Ambos prestaram um depoimento ao advogado Luis Eduardo Greenhalgh, confirmando terem sido aliados do Exército, num documento divulgado ano passado pelo JORNAL DO BRASIL. Mas negaram responsabilidade na prisão e sumiço do grupo de Onofre Pinto em 1974, como acusa a viúva do guerrilheiro da VPR.

"Eu via o casal com frequência em São Paulo, quando estavam sob a coordenação do Doi de São Paulo. Eles faziam relatos verbais e muitos contatos, especialmente com exilados no exterior. Estavam sob controle do coronel Ênio Pimentel da Silveira", relatou Marival. (J.M.)